

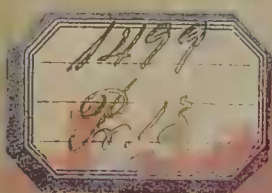
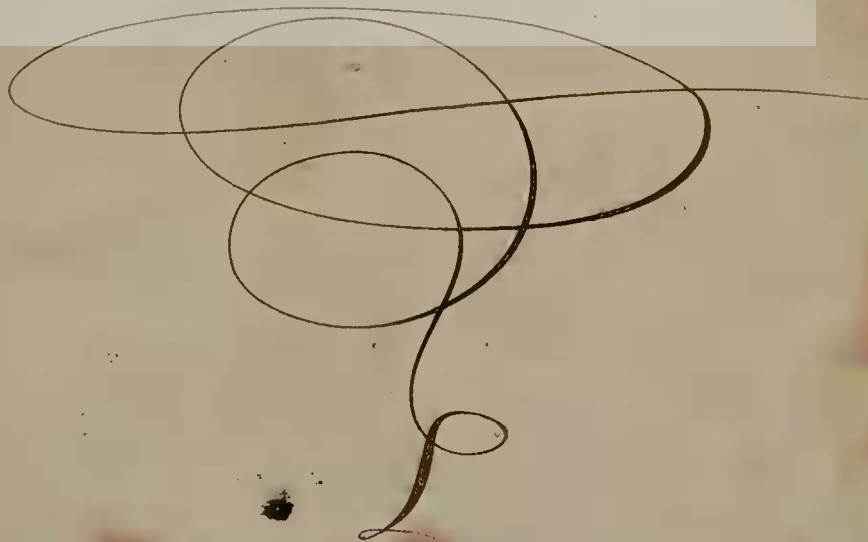
Os sercões da Viscondessa

Comedia n'um acto

por
Meilhac e Halévy

tradução
de

João Antonio Lopes



Personagens

Eloy. = Henrique de Mello

Diniz. Arthur da Silveira

A. M. da Gora. D. Mathilde de Mello

Barbosa. Thereza cruada

Em Lisboa, em casa de Henrique de Mello

Escola Superior de Teatro e Cinema

Actualidade



Uma sala: são nove horas da noite. Ao fundo, um piano; á esquerda uma chaminé; cordão de campainha de ambos os lados. Ao primeiro bastidor, uma janella; uma pequena meza de costura; meza fazendo frente ao publico e junto da chaminé; ao fundo, á direita, uma porta. Ao primeiro bastidor, uma porta; um commoda á frente da scena, um canapé.

1 - SCENA 1ª -

D. Mathilde, Arthur, e Thérèse -

Ao levantar o pano D. Mathilde está em pé junto da chaminé, Thérèse á direita, acaba de arrumar, e vendo Arthur entrar do fundo á direita, vai ao seu encontro.

Thérèse -
sem voz baixa / Senhor Arthur! sobre

Arthur -
/o mesmo/ O que ha de novo?

Thérèse -
A senhora está furiosa....

Arthur -
Furiosa....

Thérèse -
Positivamente furiosa, e contra o senhor, creio eu. Hesitou em o receber....

Arthur -
Ora essa!

Thérèse -
Fica prevenido! /sic/

1 = Cena 2^a 2
= D. Mathilde, e Arthur =

Senhora Viscondessa! ^{Dese} = Arthur = /silencio. D. Mathilde vai sentar-se na

poltrona collocada a' esquerda da chaminé, aparte. /A recepção é
fria! /alto/ jantei no restaurant club, e jantei a' pressa,
porque sabia que me esperava... /Mathilde olha para elle,

aparte /Que olhos, que me deitou! /alto/ ~~Que me esperava~~
~~com impaciencia... tinhamos que ler o ultimo capitulo~~
~~d'aquelle romance, que vem nos Dois Mundos, e que tam~~
~~to a interessa.... V. Ex.^a estava com tanto desejo de saber~~
~~o desenlace, e tinha-me recommendado que não faltas-~~
~~se.... Bem vê que me não esqueci da recommendação~~

/silencio; aparte/ Decididamente Thereza tem razão! /alto/
pegando nos Dois Mundos, e voltando-se /Em principio.... dou-lhe
parte de que vou principiar. /lê/ "Jorge escutava Pau-
lina com uma colera concentrada; uma tão perfeita
maneira de raciocinar parecia-lhe intoleravel n'um
tal momento...."

= Mathilde =

/interrompendo-o/ Hontem a' noite, fui a casa de minha mãe.

— Arthur —
Bem sei. Foi por isso que me não li hontem este capitulo,
e que m'o leio hoje.... Jorge escutava....

— Mathilde —
/interrompendo-o/ Minha mãe ao principio tinha tencão
de passar a noite em casa.

— Arthur —
Bem sei: V. Ex.^a disse-m'o antes de hontem.

— Mathilde —
Mas sobre que se cantava em S. Carlos o Profeta, opera
que ella não ouvia ha annos, e deu-me o desejo de ir
a S. Carlos.

— Arthur —
/inquieta/ A S. Carlos?

— Mathilde —
É verdade. — Fui com minha mãe para uma griza.

— Arthur —
E gostou?...

— Mathilde —
Em frente de nós estava uma menina.... bonita, mas
vulgar, muito vulgar, excessivamente vulgar.... A me-
nina Dolores....

— Arthur —
Sabe-me o nome?

= Mathilde =

Em todos os intervallos se reuniam varios rapazes por baixo da nossa griza, passavam em revista as senhoras que estavam nos camarotes.... Quando chegaram a essa... menina, disiam o nome d'ella em voz alta e repetidas vezes: Conclui d'ahi, que havia um certo orgulho em a conhecer. - Se aquelles rapazes tinham tanto orgulho em a admirar de longe, o que eu podia admirar de perto, no seu camarote, devia ter ainda mais orgulho.... e de certo não deixaria de se mostrar, ainda que não fosse senão por um momento, para gozar do seu triumpho.... Foi o que aconteceu; appareceu a frente do camarote, foi visto, reconhecido....

= Arthur =

Mh!...

= Mathilde =

E perdeu ao mesmo tempo uma amisade, que talvez valesse a pena ser tratada com mais consideração....

= Arthur =

Que diz?...

= Mathilde =

Em hoje tinha feito tenção de lhe mandar dizer que

não estava em casa; mas preferi recebê-lo ainda uma vez,
para lhe dizer que o não tornarei a receber.

— Arthur —

Não me tornara a receber?...

— Mathilde —

O senhor bem me comprehende.... vê-o hei de muito boa vontade nos dias em que recebo todos. Mas em quanto a estes serões, que de tempos a tempos, passamos juntos, um com outro, não pense mais em continuá-los!

— Arthur —

Ora essa! Isso é impossível!

— Mathilde —

Pelo contrario, é muito possível, e assim hade ser!

— Arthur —

A senhora viscondessa, com certeza, não falla serio.

Há seis mezes que venho aqui; no dia em que fui re-provado no 1º anno do curso superior de Letras.... isto não se esquece nunca.... V. Ex.^a dirigiu-me tão consoladoras palavras, que, desde então, tendo vindo todas as noites... ou quasi todas, pense ~~para~~ em todos estes deliciosos hábitos, que V. Ex.^a me fez contrahir, e

aos quaes, diz, que devo renunciar!

— Mathilde —

De quem é a culpa?

— Arthur —

De quem é a culpa?... Falei de mim, poderia fallar de V. Ex.^a. Se a memoria me não falha, n'aquelle famoso dia, em que vim aqui, no dia da reprobacão, encontrei-a muito commovida em consequencia d'uma conversação um pouco seria, que tinha tido com meu primo, seu marido. No fim de dois mezes de casados, V. Ex.^a. tinha-me offerecido a sua amizade pedindo-me a d'elle... elle tinha-se escandalizado, mas tinha accedido.... e V. Ex.^a. ter-se-hia encontrado só, semão fosse eu.... O que será de V. Ex.^a, se me fechar a porta? O que será de V. Ex.^a, quando não vir a sua sombra junto de si? Se eu não vier, quem ha-de atizar o lume do fogão? quem ha-de servir o chá? quem me ha-de ler o romance, de que mais gostar?... Uma cadeira fora do seu lugar contende-me com os nervos! O que será, quando V. Ex.^a me não vir sentado na minha cadeira do cos-

turne, a mim, o movel mais indispensavel da sua sala?

— Mathilde —
/levantando-se/ O que disse está dito! 2

— Arthur —
Mas finalmente porque?... Porque? Eu nada fiz, me parece....

— Mathilde —
Não pode negar! O senhor estava no camarote d'aquella menina.

— Arthur —
/levantando-se, e com uma certa satisfação/ Não nego! para que heide mentir!

— Mathilde —
E sente uma grande satisfação em repetir ainda que estava n'aquelle camarote.... vê-se o orgulho brilhar em seus olhos....

— Arthur —
É preciso confessar que V. Ex.^a é d'uma prodigiosa injustiça, e se me atrevesse, dizia-lhe umas cousas....

— Mathilde —
Que cousas?

— Arthur —
Não me atrevo.... e, além d'isso, não sabia como M^{rs} havia de dizer....

— Mathilde —

Diga-as como quizer, mas quero ouvir-as....

— Arthur —

Vou fazer-lhe as diligencias....

— Mathilde —

Diga!...

— Arthur —

E' V. Ex.^a, que assim o quer!

— Mathilde —

Diga!...

— Arthur —

Pois bem, é verdade que eu considerava-me feliz junto de V. Ex.^a.... esta sala era para mim um paraíso.... mas enfim.... não se zangue por isto.... era um paraíso sem pomos... / movimento de Mathilde / Eu preveni-a.... não me queixo.... bem sei que não devia esperar.... mas para que me accusa por ter ido uma vez... / outro movimento / A senhora viscondessa não tem razão.

— Mathilde —

Basta! / passa pela frente de Arthur, e dirige-se para a mesa /

— Arthur —

É muito severa! eu creio, que faller com alguma delicadesa....

— Mathilde —

/ um pé junto da chaminé / Que mudança!

—Arthur—

/dirigindo-se para a meza/ Se lhe não agrada, o que digo, talvez
vez lhe agrade mais o que diz este romance... /pega nos
Dois mundos/

—Matthilde—

Não! faz mal em não tomar a serio o que lhe disse...
Não quero ouvir-o....

—Arthur—

/pondo o jornal sobre a meza/ Decididamente, a senhora
viscondessa está-me provocando!...

—Matthilde—

Uma criança!... /faz

—Arthur—

Eu não sou uma criança, sou um homem! E não
posso consentir que me tratem... /pega no chapéu/

—Matthilde—

Aconselho-o a que volte a casa da tal menina....

—Arthur—

Manda-me embora?

—Matthilde—

E' verdade.

—Arthur—

E aconselha-me a que vá?...

—Matthilde—

E' o melhor que tem a fazer!

—Arthur—

Pois vou!.../sae pelo fundo a' direita/ F. 8.

= Cena 3 =

Pois vou!... Estas palavras não valem nada.... mas é a alegria mal disfarçada com que elle as disse, parecia mesmo que se sentia aqui preso, e que fugia da prisão.... É um rapaz perdido.... Acho-o extraordinariamente impertinente em dizer que eu me acostumei a elle, e não poderia passar sem elle.... Lia-me este romance.... pois lê-o-hei eu mesma.... Olhem o grande serviço..../senta-se, e pega no jornal, procurando a pagina/
É singular o que elle me disse a respeito dos pomos.... Ah! cá está a pagina.... não preciso de ninguém para a encontrar..../lê/" Jorge escutava Paulina com uma colera.... esta meza balança...." Jorge escutava Paulina.... É insupportavel! Jorge escutava...." É impossivel ler!

/toca/

= Cena 4 =

— Mathilde², e Thérèse¹ — P. 8.

— Thérèse —

Minha senhora?

— Mathilde —

Veja o que tem esta meza.... balouca....

— Thérèse —

Sim, minha senhora.... eu já notei isso. Só o senhor Arthur é que sabe fazê-la estar quieta.

— Mathilde —

Como?

— Thérèse —

Elle tem para isso meios.... Eu não sei....

— Mathilde —

Faça as diligencias.

— Thérèse —

Jáso faço eu! / move a meza bruscamente / Vê, minha senhora?... não é possível.... só o senhor Arthur....

— Mathilde —

Teremos de conseguir! / move a meza com Thérèse /

— Thérèse —

Não vai lá! As mezas minha senhora, são como as pessoas; se se tratam mal, zangam-se, e teimam...

— Mathilde —

Metta um papel dobrado debaixo do pé....

—Therese—

Creio que é o melhor. Mas com o senhor Arthur não seria preciso... *arranjar o papel a meza, contra*

—Mathilde—

Outra vez!

—Therese—

O que, minha senhora?...

—Mathilde—

Parece-me que a Therese abusa um pouco da amabilidade e confiança, que lhe tributava nesta casa, por ser afilhada do senhor visconde!

—Therese—

Não julgava que....

—Mathilde—

Esta' prompto isso?

—Therese—

Levantando-se Sim, minha senhora!

—Mathilde—

Esta' bem! *lev.*

—Therese—

V. Ex.^a não ordena mais nada?

—Mathilde—

Mais nada!

—Therese—

Se succeder mais alguma coisa.... eu estou ali, e V.

Eu.^a não tem mais do que tocar....

—Mathilde—

O que?... Therese sai *FD.*

= Cena 5 =

= Mathilde = /só/

Therese zomba de mim, e não deixa de ter razão.... é evidente que seria muito melhor ter alguém a mão... é a única razão que me faria sentir a falta d'Arthur... e ainda assim.... é bom ter alguém.... mas não é indispensável que esse alguém seja Arthur.... Não faltará quem se julgue feliz em occupar o lugar, de que elle se tornou indigno... Vejamos... procuremos... ah... ah! esse não... só pensal-o me causa aborrecimento.... ah... sim, mas esse não passaria duas horas no paraíso sem querer.... É decididamente singular o que elle me disse a respeito de.... vejamos, ha.... ah.... é verdade, ah... /ri/ ^{lev} e porque não? /ri/ Ha meu marido! ^{po}
Therese!..

1 - Cena 6 - 2
= Mathilde, e Therese =

FE.

= Therese =

Minha senhora... ha mais alguma coisa para arran-
jar? não vejo....

= Mathilde =

Não ha nada!

= Theresia =

Ah!

= Mathilde =

Trata-se d'outra coisa. O senhor visconde sahio?

= Theresia =

Não, minha senhora! A carruagem está ainda no
pateo....

= Mathilde =

Va' dizer-me que lhe peço o obsequio de, antes de sair,
me vir fallar....

= Theresia =

Admirado O que, minha senhora?...

= Mathilde =

Não ouviu?

= Theresia =

Ouvi, sim, minha senhora! / Sae / F.E.

= Cena 7 =

= Mathilde = / so /

Five um momento de inquietação; agora, estou socega-
da.... não passarei a noite só.... é uma coisa útil um
marido.... ainda mesmo que tenha alguns defeitos. ~~X~~

sociedade pensa em tudo. Previo o caso em que uma mu-
lher, ~~se fosse~~ como eu, ao serão, gosta de ouvir ler romances,
se vê obrigada a lê-los, o que é muito menos divertido. E
ella disse a essa mulher: "Nada receies, no dia em que
te faltar o teu leitor ordinario, terás a'mão outra, que
eu te dou.... Esse outro, é' teu marido!" Henrique entra. P.E.
acaba a 8.

1 - Cena 8^a 2
- Mathilde, e Henrique -

- Henrique -
/a entrada da porta/ Deseja fallar-me, Mathilde?

Escola Superior - Mathilde - Cinema
Ja sair?

- Henrique -
Ja. A' noite, a esta hora.... costummo sempre....

- Mathilde -
É muito importante o que o obriga a sair?

- Henrique -
Não! Ja a P. Carlos, e tenho muito tempo para ouvir,
o que tem para me dizer. Desce

- Mathilde -
Não tem nada que ouvir.... eu fiz tenção de não sair,
e se quizesse passar a noite na minha companhia....

/muito admirado/ O que diz? — Henrique —

Não comprehendeu? — Mathilde —

Peco-lhe que diga outra vez!... — Henrique —

Pergunto-lhe se pode passar a noite na minha compa-
nhia... parece-me que é uma coisa bem simples.... — Mathilde —

Muito simples! — Henrique —

Recusa? — Mathilde —

Eu não disse tal! — Henrique —

No dia em que reconhecemos que os nossos genitor, nunca
poderiam estar d'accordo, combinou-se que ficaria sen-
do o meu melhor amigo, não é assim? — Mathilde —

/estendendo-lhe a mão/ Sem duvida!... — Henrique —

Parece-me que lhe não peço nada, que se não posso pe-
dir a um amigo. /Henrique ri/ De que se ri?... — Mathilde —

/tomando um ar serio/ Eu não rio... Admiro-me apenas... — Henrique —

— Mathilde —

Ah!

— Henrique —

É preciso confessar que de ha quatro mezes para cá, não se tem dado muitas vezes esse caso, apesar d'essa boa amizade.... razão de mais para eu aproveitar esta bella occasião.

— Mathilde —

Fica?

— Henrique —

Fico!

— Mathilde —

/arretadamente/ Ah! que felicidade...

— Henrique —

/um pouco commovido/ Deveras?

— Mathilde —

Sim, porque eu estou habituada, quando passo a noite em casa, a ter alguém ao pé de mim....

— Henrique —

Ah! é por isso?

— Mathilde —

Compreende?

— Henrique —

/subindo e dirigindo-se para a esquerda/ Perfeitamente, e considero-me muito feliz em tomar o lugar d'esse alguém....

para que nada se mude nos seus hábitos... /sentar-se na

cadeira ^{R.B.} em que D. Mathilde, estava sentada na 1ª scena/

— Mathilde —

De assim é, não se sente na minha cadeira....

— Henrique —

Ah! ^{lev.} Eu estou na sua....

— Mathilde —

Está! / Henrique levanta-se / Sente-se n'aquella!

— Henrique —

Pouco perdão! / senta-se na outra cadeira. D. Mathilde senta-se na

sua cadeira, e dá um suspiro de satisfação, que Henrique repete, Depois
este machinalmente, põe-se a bater compasso com os pés /

— Mathilde —

Oh! não bata com os pés, porque isso contende-me com
os nervos....

— Henrique —

Ah! isso contende-me... / Cessando, e conservando-se imóvel /

Então assim?

— Mathilde —

Assim está' muito bem! / com um novo suspiro de satisfação /

Ah! até' que enfim! Voltei aos meus hábitos!

— Henrique —

Ainda bem! ainda bem!

— Mathilde —

Continua a rir?...

— Henrique —

Eu não rio... Diga-me, o que vamos agora fazer?

— Mathilde —

Pegue n'esse jornal.

— Henrique —

/pega no jornal, e depois de ter visto o título/ Os Dois Mundos!...

hum!...

— Mathilde —

Que tem?

— Henrique —

O que quer que eu faça d'isto?

— Mathilde —

Leia!

— Henrique —

É isso justamente o que eu receiava!

— Mathilde —

Porque? estou certa de que lê muito bem! Ohe!... Comece

ali!.../ Henrique desarranja tudo que está sobre a mesa para pôr

o jornal; e põe o cesto de costura em frente de Mathilde; esta olha

para Henrique com inquietação/ Então?

— Henrique —

Eu leio! eu leio! / lendo em voz muito alta/ Jorge escreva

na Paulina com uma colera concentrada.../ Mathilde

torna a pôr o cesto de costura em frente de Henrique; este põe-no nova-

mente em frente de Mathilde/ Uma tão perfeita maneira

de raciocinar....

— Mathilde —

/interrompendo-o/ O que?...

Não leio em voz bem alta? = Henrique =

Alta de mais... mas é que parece não comprehender, o
que está lendo. = Mathilde =

~~O que quer que eu comprehenda n'um romance, que prin-
cipio a ler pelo fim? Diga-me, ao menos, porque é que
esse Jorge escutava essa Paulina com uma colera con-
centrada?...~~ = Henrique =

~~procurando recordar-se. Porque é?... = Mathilde =~~

~~pinos. Não sabe?... = Henrique =~~

~~Esse jornal sae de quinze em quinze dias.... Compre-
hende.... e eu estou habituada a que, antes de me lerem
um capitulo, me digam em resumo o capitulo an-
tecedente.... = Mathilde =~~

~~Esse capitulo antecedente.... Não fui eu que o li.... = Henrique =~~

~~Por conseguinte, não pôde... entad. Devemos a leitura.... = Mathilde =~~

~~Ainda bem... = Henrique =~~
Larga o jornal, levanta-se, e dá alguns passos

— Mathilde —
/amustada/ Então agora passeia?...

— Henrique —
Não quer?...

— Mathilde —
Não! porque faz muita bulha.... Venha para aqui!

— Henrique —
Trei! /volta ao mesmo lugar nos bicos dos pés/ pra!

— Mathilde —
Sente-se ahí! como estava.... Assim!...

— Henrique —
/tomando a sentar-se/ Aqui estou!... Senta-se.

— Mathilde —
É agradável... estar assim um ao pé do outro!...

— Henrique —
É encantador!...

— Mathilde —
Ah! continua a rir!

— Henrique —
/balançando-se na cadeira/ Eu não estou a rir!...

— Mathilde —
Pelo amor de Deus, esteja quieto na cadeira....

— Henrique —
Ah! isto.... Mas o que vamos nós fazer agora, visto
que se não lê?....
— Mathilde —

Vamos tratar d'uma toilette.... em que ha dias ando a pensar!

Isso deve ser interessante! — Henrique —

Temos ^{lev.} aqui ^{meza de a. tto} papel e lapis.... vamos trabalhar juntos. — Mathilde —

Tenho a ^{lev.} observar-lhe, que não percebo nada de toilettes. Fui capitão de lanceiros.... — Henrique —

Sabe desenhar, e' quanto basta! — Mathilde —

Guer que eu faça desenhos de vestidos?... — Henrique —

Ainda me lembro.... Não eramos ainda casados.... — Mathilde —

Em casa de minha mãe.... pegou n'um lapis, n'uma folha de papel.... e, em cinco minutos, fez um desenho....

Um lanceiro poupanando a vida ao inimigo; o inimigo assim. / toma uma posição / O lanceiro assim.... / outra posição / — Henrique —

Era lindo!

— Mathilde —

São favores!

— Henrique —

— Mathilde —

Chegou o momento de empregar esse talento em alguma coisa, que me seja agradável!... p-1-

— Henrique —

Chegou o momento de lhe fazer uma confissão!

— Mathilde —

Uma confissão?

— Henrique —

Sim, Mathilde!... Tão professores de calligraphia, que, em tres traços de penma, desenhavam Androcles e o seu lião, com a mão no ar. — Não lhes peçam outra coisa... Não sabem. Eu sou como elles. Não sei desenhavar, sei fazer um desenho.... No collegio militar tinha um unico exemplar... /pega n'uma folha de papel e desenha/
É muito facil, veja.... primeiro o inimigo, depois a barretina do lanceiro.... depois a cara.... Othe, os bigodes.... eu era capaz de desenhavar quinhentas vezes seguidas o lanceiro poupando a vida ao inimigo.... sempre na mesma posição, está' entendido.... /fazendo uns grandes traços/
O penacho do inimigo.... veja... É muito bonito!... mas não apprendi mais nada.... Declaro-me pois

perfeitamente ~~capaz~~ incapaz de me desenhar vestidos e chapéus.

— Mathilde —

Isso é verdade?

— Henrique —

É verdade, é!... Quer que me desenhe outro lanceiro?...

— Mathilde —

Não, não.... temos também que renunciar a esse passado-tempo.... *Levanta-se e B.*

— Henrique —

~~Se quer, substituo isso por uma discussão philosophica sobre as pessoas, que não tendo nunca sabido fazer em toda a sua vida senão um desenho, nem por isso deixaram de conseguir....~~

— Mathilde —

~~Agradeço!...~~

— Henrique —

~~Não se entretém com isso?... Já me não atrevo a perguntar-me o que haremos de fazer?...~~

— Mathilde —

~~Fica o que quiser. Se Vou bordar.... Dá-me o meu bordado?...~~

— Henrique —

~~O seu bordado?... / Olha em volta de si /~~

— Mathilde —

~~Sim!~~

— Henrique —
Diga-me, onde está, se faz o obsequio? porque eu não sei!...

— Mathilde —
Eu também não. Tenha a bondade de o procurar...

— Henrique —
Da melhor vontade! /levanta-se, e procura/

— Mathilde —
Então?...

— Henrique —
/que tem remechido o cesto de costura/ Não o acho! Aqui não está!...

— Mathilde —
Procure n'outra parte...

— Henrique — *por não a meza de costura*
N'outra parte... n'outra parte... Onde diabo o guardaria Arthur?

— Mathilde —
Que diz?

— Henrique —
Digo que não posso adivinhar onde Arthur... /abafa
uma gargalhada/ o guardario...

— Mathilde —
Agora não pôde negar, que se está a rir!

— Henrique —
É verdade, confesso... e confesso também que desde, que entrei, tenho uma pergunta a fazer-me...

— Mathilde —

Uma pergunta...

— Henrique —

É verdade, queria perguntar-me...

— Mathilde —

O que?...

— Henrique —

Porque é que Arthur que não está cá esta noite? ... / Mathilde

de levantar-se, e toca a campainha, entra Theresa /

— Cena 7^a —
— Os mesmos, e Theresa — 1^a

— Theresa —

Minha senhora!...

— Mathilde —

Procure o meu bordado, e dê-m'o!

— Theresa —

Deve estar no cesto da costura. / vai a' meza / Desce 2

— Henrique —

Já procurei ali....

— Theresa —

/ vendo a desordem do cesto / Oh! senhor visconde!...

— Henrique —

Não está lá!

— Theresa — 1-3

Porvez esteja aqui... / abre a gaveta da meza, e tira tudo o que

está dentro / Não está!

— Henrique —
/remechendo a commoda, e tirando para fóra duas gavetas, que põe
sobre o canapé/ Mas, finalmente, elle hade estar n'alguuma
parte!... p-2

— Thereza —
De certo!

— Henrique —
Procuramos, Thereza, procuramos!...

— Thereza —
Procuramos, senhor visconde... /deixa a meza, e dirige-se pa-
ra o canapé/

— Mothilde —
/com impaciencia/ Mas que fazem? não podem deixar
as coisas no lugar em que estavam?...

— Thereza —
É preciso procurar bem, minha senhora!

— Henrique —
/depois de ter remechido todas as gavetas da commoda/ Nada!
contudo o bordado não voou pela janella fóra! Procu-
remos, Thereza... /vai ao piano, e espatha pelo chão as musicas
que estavam sobre elle/

— Thereza —
Procuramos, senhor visconde... /procura debaixo das almo-
fadas do canapé, e deixa cair uma no chão/

—Matthilde—

Therеза, não repara no que está fazendo?...

—Therеза—

Não lhe dê cuidado, minha senhora, tornamos a pôr tudo no seu lugar, quando acharmos o bordado.

—Henrique—

^{Deixe a!}
/vai a' chaminé, tira o relógio do seu lugar, pega n'um dos vasos,

que estão sobre a chaminé, olha para dentro d'elle, e sacode-o/ Aqui

não está! / põe o vaso sobre a mesa/

—Matthilde—

/Zangada/ Isto é de mais!

—Therеза—

/procurando debaixo do canapé/ Ahou, senhor visconde?

eu não acho!

—Henrique—

/indo para examinar o segundo vaso/ Não eu!

—Therеза—

/distraidamente/ Por força o senhor Arthur guardou-o n'algun esconderijo.

—Matthilde—

/furiosa/ Therеза! 2

—Therеза—

Minha senhora!

—Matthilde—

Passarei sem o bordado. Deixe-nos!

—Therеза—

Porém, minha senhora....

Deixe-nos! / Phereza sai / ~~Phereza~~ = Mathilde = 78.

2ª - Scena 10ª
= Mathilde, e Henrique =

Henrique =
Phereza tem razão; é preciso que Arthur o guardasse
n'algum esconderijo.... Se soubesse onde elle está, neste
momento, ia-lh'o perguntar....

Mathilde =
Se para interromper o curso das suas devastações, é
preciso dizer-lhe onde está Arthur, eu lh'o digo da me-
lhor vontade.

Henrique =
Onde está' ?

Mathilde =
Em casa d'uma tal menina Dolores!...

Henrique =
Estremecendo, e deitando cahir no chão um cofresinho em que
acabava de pegar de cima do piano / De Dolores!

Mathilde =
É verdade, é esse o seu nome.... Elle nunca lh'o disse?
Admira! porque elle tem n'isso orgulho....

— Henrique —

/que tem levantado do chão o copo, e o põe sobre a mesa/ Não... nun-
ca me fallou n'isso... e admiro-me de que elle tenha falla-
do em tal... a' viscondessa....

— Mathilde —

Oh! eu soube-o por acaso... Agora que sabe onde elle es-
ta; não o vae procurar?...

— Henrique —

Vou! vou! /aparte, e procurando por todos os lados o chapéo, que
não trouxe, quando entrou/ Em casa de Dolores, em quan-
to eu estou aqui, a procurar bordados... /dai'mm pontape'
na almofada, que está no chão/

— Mathilde —

O que faz?... Formamos a principiar?...

— Henrique —

O meu chapéo?... não o vio?...

— Mathilde —

Deve estar no seu quarto.

— Henrique —

Ah! é verdade!... Concede-me licença de me retirar....

— Mathilde —

Pe-me concedo licença!... Olhe em torno de si.... ha, ape-
nas uma hora que entrou aqui.... sentou-se na minha
cadeira, leu a gritar, desenhou lanceiros, fez parar o

relogio, por a minha sala num cahos.... Contrariou todos os meus habitos.... e pergunta-me se lhe concedo licença de se retirar.... mas, pelo contrario, agradeço-me, supplico-lhe que se retire immediatamente....

— Henrique —
Posso então ir descansado.... Até logo, adeus....

— Mathilde —
Adeus! / Henrique vai para sair pelo fundo / Vai sem chapéu?

— Henrique —
Ah! / sahindo pela direita, aparte / Vou a casa de Dolores!...

— Cena II —
— Mathilde, depois Thereza —

— Mathilde — / só /
Aonde ira' elle? ira na verdade perguntar? É que me importa!... partito, era o essencial... / olha em torno de si /
Minha pobre sala!... O que elle fez!... Eu tambem vou sair.... não posso estar aqui.... não posso.... Thereza!

— Thereza —
Entrando / Minha senhora!

— Mathilde —
Um chapéu, uma capa, depressa!

Therêza —
admirada / Sim, minha senhora! / entra no quarto à D. ^{P.B.}

Matthilde —
Vou passar uma hora a casa de minha mãe. Parece-me
que tenho necessidade de chorar um pouco.... e d'ouvir
dizer muito mal de meu marido. / Therêza volta, ² Matthilde
põe o chapéu / Therêza, volto d'aqui a uma hora, e lembre-
se de que se, quando eu voltar, encontrar um cofre
só que seja fora do seu lugar, não ficará nem um mo-
mento mais ao meu serviço!...

Therêza —
correndo / Oh! minha senhora!...

Matthilde —
indo à janela / A carruagem de meu marido está ain-
da no pátio.... vou n'ella.... é um principio de vingan-
ça! / sae / ^{P.D.}

SCENA II ^{P.B.}
Therêza, depois, Henrique —

Therêza —
Despedir-me!... desafio-o que o faça.... está muito habi-

trada a mim.... duas horas depois de eu me ir embora...
sentia logo a minha falta... ^{pois} pente-se o rodar d'uma carruagem

— Henrique —
/dentro/ Então a minha carruagem vai-se embora... /entram
d/ Thereza, a minha carruagem?...

— Thereza —
Foi n'ella a senhora viscondessa! /começa a arrumar/

— Henrique —
A senhora sahio?

— Thereza —
Volta d'aqui a uma hora!

— Henrique —
E' celebre o que me succede. Obrigam-me a casar, casio-
me. No fim de dois mezes, as manias de minha mu-
lher espantam-me e eu asperam-me. Zango-me, aborre-
co-me, e vou desaborrecer-me.... para casa de Dolores. —

Hoje torno a ver minha mulher, e encontro-me as mes-
mas manias. Novo euaspero! Mas porque e' que acho
hoje n'esse euaspero um encanto? ^{p. 2} /vae sentar-se no canape

Um encanto positivamente.... não euagero o termo.... porque
e' que em vez de me ir embora, fico, e não penso em quei-

levar-me de Dolores, que zomba de mim?... O que quer isto di-
zer?...

—Therеза—

/tem levantado do chão uma almofada, vae para a porta do canapé/

Perdão, senhor visconde....

—Henrique—

O que queres, Therеза?

—Therеза—

Gueria arrumar isto, e....

—Henrique—

Ah! incommodo-te aqui... /levanta-se/

—Therеза—

A senhora disse-me que se não encontrasse tudo no seu
logar.... Não estava de bom humor, a senhora....

—Henrique—

Ella zanga-se algumas vezes?... /põe-se machinalmente a
arrumar as gavetas da commoda/

—Therеза—

Muitas vezes, não, senhor visconde.... mas não gosta que
lhe toquem nos seus hábitos... /põe para apanhar as musicas

do chão/ Pl. p. 1

—Henrique—

/aparte/ Já reparei n'isso... /alto/ Põe confiel-os, Therеза?

—Therеза—

O que, senhor visconde?...

— Henrique —
Os hábitos da senhora viscondessa ?...

— Thérèse —
Conheço.... em globo.... /pega no cofre que está sobre a mesa/

— Henrique —
/aparte/ Por mimdo é' que era preciso conhecê-las.... /encontra
um frasco sobre um canapé/

— Thérèse —
O' senhor visconde, onde estava este cofre ? Sabes ?...

— Henrique —
Não sei. — E este frasco ?...

— Thérèse —
Também não sei, senhor visconde !

— Henrique —
Estamos arranjados ! /entra Arthur/

— Cena 13^a —
— Os mesmos, e Arthur — F. 8.

— Thérèse —
Ah ! o senhor Arthur !... estamos salvos !... /a Arthur/ O' se-
nhor Arthur, onde se põe isto ?

— Arthur —
Esse cofre ?... aqui... ! /vai por o cofre sobre o piano/

— Henrique —
E isto ?

— Arthur —

Ali, na segunda gaveta, a' direita! ^{p-3} pega no frasco e vai met-
tel-o na gaveta indicada da commoda/

— Henrique —

/aparte/ Aqui esta' quem os conhece por mimdo, os habitos
da viscondessa; aqui esta' quem pode....

— Thereza —

/mettendo misturados varios objectos no cesto de costura/ Eu vou
para ali por isto tudo em ordem, e ja' volto....

— Henrique —

Pois sim, vae. /Segue com a vista Arthur, que não achando as
coisas perfeitamente em ordem, corrige algumas minuciosidades/

Thereza sai/

— Arthur —

^{p-1} /arrumando sobre a chamine, depois sobre a mesa, aparte/

Porque diabo desarrumariam tudo?

— Cena II —

— Arthur, e Henrique —

— Henrique —

^{sentado no sofá} /aparte/ Conhece bem os habitos de minha mulher!

— Arthur —

/aparte/ Que desordem!

— Henrique —
Era a viscondessa que procuravas?

— Arthur —
Não, era a ti!

— Henrique —
A mim!...

^{venho-me puchando a probidade da E. meia.}
— Arthur —
Sim; disseram-me que estavas aqui, e que a viscondessa tinha saído.... venho pedir-te um favor....

— Henrique —
Um favor.... também eu tenho um a pedir-te....

— Arthur —
Ouve-me primeiro. Há três dias, alguns amigos meus introduziram-me n'um mundo, que eu não conhecia.... levaram-me a uma ceia.... havia lá mulheres.... uma principalmente....

— Henrique —
Um anjo!...

— Arthur —
Dolores!...

— Henrique —
Oh! primo! primo!... As azas d'esses anjos são feitas com as pennas.....

— Arthur —
O que?... com as pennas.... Deixa-te de moral.... Oh! que desde que entrei no tal mundo.... não souço por lá!

fallar senão em ti!...

Bala-te!... ^{lev}

= Henrique =

= Arthur =

Prindo/ Parece que estás lá sempre mettido....

= Henrique =

Bala-te!... ^{lev} Gueres....

= Arthur =

Não te quero comprometter.... mas, repito, deíua-te de moral.... faze-me simplesmente o favor que te peço....

= Henrique =

Que favor é' então, dize lá'?

= Arthur =

Fui ha pouco a casa de Dolores... Estava so'!... ^{trazendo a moçona para junto d'elle e sentando-se} Julga da minha felicidade.... passar uma noite junto d'ella!... mas, qual historia!... Ha n'este mundo habito, que eu não conheço, uma linguagem, que difficilmente comprehendo.... Em pouco tempo comecei a reparar, que commettia erros sobre erros, tolices sobre tolices. - Dolores ao principio contentou-se em zombar de mim; mas pouco a pouco a impaciencia apoderou-se d'ella, e acabou por me pôr na rua.... ou pouco mais ou menos...

= Henrique =

E gueras-te....

= Arthur =

Chegando ao ar livre, lembrei-me que felicemente tinha um primo, que possuía essa experiencia, que me falta. E venho perguntar-te, a ti, que conheces tão bem esse mundo, de que modo se hade a gente conduzir para ali passar uma noite sem se tornar absolutamente ridiculo.... eis a questão!... *levanta-se, e arruma a poltrona*

= Henrique =

Pela minha parte.... tive occasião de observar ha pouco, que os habitos da viscondessa não me eram tão familiares, como eu desejava; lembrei-me que felicemente tinha um primo, que possuía essa experiencia, que me falta. E peço-te que me digas, tu, que conheces tão bem esta sala, de que modo se hade a gente conduzir para aqui passar uma hora sem se tornar absolutamente desagradavel.... eis a questão!...

= Arthur =

Como!...

= Henrique =

Queres fazer-me esse favor?

= Arthur =

Da melhor vontade! mas com a condicção.... de que tu....

— Henrique —
Esta entendido!

— Arthur —
Então comecemos! ^{p. 2}

— Henrique —
Comecemos.... eu escuto.... ^{lex.} senta-se no covapi!

— Arthur —
A viscondessa senta-se n'aquella cadeira, e' preciso a gente sentar-se na outra.... e sentar-se de modo.... toma bem sentido.... de modo, que possa chegar, com a mão direita, a' campainha, ao parafogo, a' pa', e a' tenaz.... e com a mão esquerda.... toma bem sentido.... ao candieiro, ao album, a' faca de marfim, a' thesoura, e ao jornal de modas....

— Henrique —
Oh! com os diabos! isso e' um pouco complicado.

— Arthur — ^{lex. vai d. 3.}
Não e' tal! e até' muito simples: mão direita para fogo e tenaz.... mão esquerda....

— Henrique —
Não te canças, porque nunca metteria trido isso na cabeça. As tuas explicações ganhariam muito, se

fossem auxiliadas com um pouco de mise-en-scène.

— Scena 15^a —
— Arthur, Henrique, e Thérèza — Pg. 2

— Thérèza —
/entrando com o cesto da costura, que põe sobre a mesa/ Senhor
visconde, aqui está' o cesto já' arrumado.

— Henrique —
Ah! ah! vem o nosso mise-en-scène.... Anda cá, Thérèza.

— Thérèza —
Que ordena, senhor visconde?...

— Henrique —
/a Arthur/ Em lugar de me dizeres, como eu devo re-
presentar esse papel, vais tu representá-lo diante
de mim. /tomando Thérèza pela mão, e fazendo-a sentar na ca-
deira/ Senta-te aqui, Thérèza.

— Thérèza —
/admirada/ Na cadeira da senhora?

— Henrique —
Sim... /fal-a sentar, depois dirigindo-se a Arthur/ Comtigo,
Thérèza será viscondessa....

77
= Arthur =
Comprehendo.... e contigo sera'....

= Henrique =
Ja' se vê... /pega na cadeira que está ao pé do canapé, e senta-se
com as costas da cadeira para diante / Começa, que eu vejo e
ouço.

= Thereza =
Oeu, senhor visconde... o que tenho a fazer ?..

= Henrique =
Prestar attenção.... e mais nada.

= Thereza =
Muito bem.

= Arthur =
/dirigindo-se a Thereza / ja' está no seu lugar. - Agora faça
por apparentar ares d'uma fidalga. / dá-me um pára-
fogo, e arranja-me as pregas do vestido /

= Henrique =
/aparte / Até' conhece as pregas do vestido!...

= Thereza =
/colocando-se convenientemente / Está' assim bem ?

= Arthur =
Muito bem! Othem como ella immediatamente se
den ares de princeza; e' na verdade singular a facilidade
de com que qualquer mulher....

E' admiravel!

= Henrique =

Bem! posso principiar?

= Arthur =

Podes. / Arthur sai, ^{pp.}ouve-se um leve toque de campainha /

= Henrique =

Arthur, entreabre a porta /

= Arthur =

Entro... vês?

= Henrique =

Vejo, vejo.

= Arthur =

/vae por o chapim sobre o piano depois de ter ^{perce}feito um profundo

comprimento a Theresa, que lhe faz um pequeno signal com a

cabeça; depois encaminha-se para ella / Pego-lhe na mão...

com muito respeito....

= Henrique =

Está visto.

= Arthur =

Muito respeito, em que todavia transparece

= Henrique =

Transparece?...

= Arthur =

Em que todavia transparece uma certa emoção.

= Henrique =

/aparte/ Essa emoção é que me dá cuidado....

= Arthur =

Emfim, é preciso que, apesar do respeito, se perceba

que aperto a mão d'uma mulher bonita....

Ah!

= Henrique =

= Arthur =

Assim pouco mais ou menos, olha.... / aperta a mão a

Therese /

= Henrique =

Começo a comprehender.... continua.

= Arthur =

Não.... agora tu.

= Henrique =

/ levantando-se / Prompto!... Vem cá, Therese.

= Therese =

/ levantando-se / Aqui estou, senhor visconde. p 2

P. 2 = Henrique =

Coloca-te ali sobre o canapé.... agora não és uma
fidalga.... agora és simplesmente uma mulher bo-
nita.

= Therese =

/ comprehendendo / Ah! bem.

= Henrique =

Uma mulher bonita, que, quando está em casa, não
estrida as posições, em que hade estar.... / Therese recosta-
se no canapé; Henrique desgrenha-lhe o cabelo e faz-lhe cair sobre
a testa algumas madeirinhas / mas que está sempre bem.

Estou bem assim? = Thereza =

Perfeitamente... É na verdade singular a facilidade com
que qualquer mulher consegue dar-se ares de... = Henrique =

É admirável, collocaste-a exactamente como Dolores
costuma estar.... Conhece-la? = Arthur =

Ella ou outra qualquer, é a mesma coisa. Bem!...
posso principiar? = Henrique =

que se tem collocado n'uma cadeira ao lado da meza ^{de contas para o piano} _{de} ^{pequena}

Podes.

/sae. Ouve-se um ruído de toque de campainha. Henrique entra
de chapéu na cabeça / Intro.... vês? = Arthur =

Vejo. = Henrique =

/cantarolando, vai á chaminé, vê-se um instante ao espelho,

tira o chapéu que põe sobre o piano, ^{h. 2.} approxima uma cadeira ^{da}

^{h. da meza do centro} da chaminé, aquece-se, depois sem olhar para Thereza, e no tom

mais indiferente / Bons dias, minha querida, como

vae isso?

=Therеза=

/sem se mecher/ Menos mal, visconde, menos mal!

=Henrique=

/levantando-se, a Arthur, dirigindo-se para Therеза/ Vés, meu ami-

go, um ar d'aborrecido, sem precipitação.... completa-

mente socegado! Diriges-te para ella, ella estende-te a

mão por cima da cabeça.../Therеза faz esse gesto/ Muito

bem, Therеза! Pegas-me na mão.... o mesmo por so-

bre o hombro..../dá um beijo na face de Therеза; ella dá um

grito/ Mas não se grita.

=Arthur=

Deixa-me fazer a experiencia, tira-te lá.

=Therеза=

/levantando-se/ Ah! lá' isso, não.... o senhor não é meu

padrinho, e....

=Henrique=

/detendo Arthur/ Viste como se fazia, não te esqueces....

recommendo-te porem que te não precipites.... comple-

tamente socegado.

=Arthur=

Não se me clava de fazer a experiencia....

=Henrique=

Não duvido.... continuemos.... Entramos.... agora o pas-

sar a noite.... Começa tu, que eu vejo....

=Arthur=
Venha outra vez para a cadeira, Thereza.

=Thereza=
Torno a ser uma fidalga?...

=Arthur=
Torna.

=Thereza=
Prompto. ^{p-2} / põe os cabellos em ordem, atravessa a scena com
ares de princeza, e vai tornar a sentar-se: Henrique torna a
sentar-se na cadeira junto do canapé /

=Arthur=
/sentando-se do outro lado da mesa/ Eu, sento-me na
minha cadeira... collocando-me aqui, quando che-
ga a hora da leitura, posso ler.... e ler em voz bai-
xa.

=Henrique=
Ah! e' preciso ler em voz baixa.... E eu fiz exacta-
mente o contrario.

=Arthur=
Sim.... em voz baixa.... e muito depressa.... até' se
chegar a uma phrase, que tenha alguma relação....
isto é, em que se trate d'um rapaz e d'uma rapa-

riga... ha sempre d'isso nos romances.... então detem-se a gente, e lê com emoção....

= Henrique =
/aparte/ Outra vez a emoção.

= Arthur =
E algumas vezes mesmo, para tornar a allusão mais directa.... pega-se-me na mão....

= Henrique =
Outra vez!

= Arthur =
Pega-se-me na mão... mas no momento em que se vai levar aos labios... ella retira-o dizendo....

= Theresia =
/retirando a mão/ Que faz? É' uma creança!

= Arthur =
Adivinhon logo!

= Henrique =
Que disposições!

= Theresia =
Toto ouvi eu uma vez dizer!...

= Henrique =
Continua....

= Arthur =
Não; voltemos a casa de Dolores.

= Theresia =
/levantando-se/ Já' não sou fidalga?

Não.... Phereza! — Henrique —

— Phereza —
Tanto melhor! / faz de novo cobrir os cabelos para a testa;
depois corre a sentar-se no canapé, e recosta-se sobre o lado direito/

— Henrique —
Entra-te, e ³sentaste-te. / senta-se ^{na cadeira} a' direita de Phereza/

— Arthur —
/sentando-se aos pés de Phereza n'um banquinho a' esquerda/

Perto d'ella?

— Henrique —
Tão perto, quanto quizeres.... com tanto que possas,
com a mão esquerda, abrir a gaveta do toucador, e
tirar d'ella um baralho de cartas.... Encontra-las
has ao pé da Nana; um romance realista.... e mu-
to moral....

— Arthur —
Ao pé da Nana.... muito bem....

— Henrique —
Que jogo sabes ter jogar?

— Arthur —
Nenhum.

— Henrique —
Mas facilmente poderas... jogando, poderás con-
versar em voz baixa ou em voz alta.... até mes-

mo gritar se te approuver.... o essencial é que passes rapidamente sobre as coisas, que são indifferentes a Dolores, e que chegues breve a algumas phrases, que façam comprehender que tens dezeses ou dezoito contos de renda....

—Phereza—
/voltando-se rapidamente para Arthur/ Deveras, tem esse rendimento?

—Henrique—
Vês o effeito! essas phrases, dizem-se pausadamente, com uma certa intenção.... e para tornar a allusão mais sensível... agarra-se-me....

—Arthur—
/pegando na mão de Phereza/ Na mão?...

—Henrique—
Na mão... se queres. Ella deúa-a ficar dizendo....

—Phereza—
Estere cá o fabricante de carruagens.

—Henrique—
É isso mesmo!

—Arthur—
Que disposições!

—Henrique—
Isso não ouviste tu, Phereza....

Adivinhei-o.

—Therese—

—Henrique—
E creio que adivinhas o resto. — Responde-se: Não quero
que esse fabricante de carruagens a atormente, e, co-
mo n'este momento está terminada a partida, e
tens perdido... pagas as tuas dividas de jogo. /levan-
ta-se, e lanca uma bolsa no avental de Therese/ lev.

Obrigada.

—Therese—

lev. — Arthur —
/levantando-se/ É muito facil!... Therese, diga lá ou-
tra vez....

—Therese—

Estere cá o ourives.

—Arthur—

/dando-lhe dinheiro/ Aqui está para o ourives!...

—Therese—

E a modista....

—Arthur—

/o mesmo/ Aqui está para a modista.

—Therese—

/apressadamente/ E o senhorio, e o armador, e a flo-
rista, e o linceiro, e o pelleiro, e o....

—Arthur—

/que não tem cessado de dar dinheiro, e procurando nas algi-

beiras/ Palavra d'honra, que já não tenho vintem...

Henrique

Bravo, Arthur, é assim que se deve dar.

Therеза

É assim, que se deve receber?

Henrique

Sim, Therеза, e fazes bem em guardar a minha bolsa, porque comigo representas o papel de Dolores; mas deves restituir a Arthur o seu dinheiro, porque com este representavas uma senhora d'alta sociedade.

Therеза

/fazendo uma cortezia/ Pêco perdas! mas é para os pobres!

Henrique

O que?

Therеза

/apressadamente/ Isto também eu vivi!...

Arthur

Guarde tudo, Therеза, guarde tudo. /aparte, apalpando as algibeiras vazias/ Tenho que passar por casa antes de ir.... /sente-se rodar uma carruagem/

Therеза

É a senhora, que volta. /sae/ F. 8.

- Cena 16 -
- Henrique, e Arthur -

- Arthur -

Não quero que a viscondessa me encontre aqui... pega
no chapéu / sobe P. 6.

- Henrique -

Vai pelo meu quarto... Vais aproveitar a lição?

- Arthur -

Sem perda d'um minuto...

- Henrique -

Vai, meu amigo, vai... Ah! já me esquecias... onde
diabo mettestes tu o bordado...

- Arthur -

/tirando-o da algibeira do casaco/ O bordado... está aqui!

- Henrique -

/admirado/ Na tua algibeira?

- Arthur -

De vez em quando, a viscondessa suppõe que trabalha
n'elle... para não destruir essa illusão, levo-o, e con-
fio-o a uma rapariga, que trabalha em bordados, a
qual, a pouco e pouco...

- Henrique -

/pegando no bordado/ É muito engenhoso... Onde mora

essa rapariga?

= Arthur =
Amelia Augusta, rua de S. Lazaro-2o-andar.

= Henrique =
Obrigado.... Vai-te embora, que dhi vem minha mu-
lher... / Arthur sai pelo quarto de Henrique / P. 8.

= Cena 17 =
= Henrique, depois, Mathilde = P. 8.

= Henrique =
/ olha para o bordado, sorri, levanta imperceptivelmente os hom-
bros; depois mette o bordado na algibeira / No fim de contas,
o culpado... sou eu... Que fiz eu de Mathilde? o que es-
tive eu em riscos de a deixar fazer de si mesma? Va-
mos... trata-se da sua felicidade e da minha... Vale
a pena tentar a partida. / sobe a' direita conservando-se
na sombra. Entra D. Mathilde, que não repara n'elle; este obser-
va-a. D. Mathilde faz um gesto de contentamento por ver a sala
arrumada; vai para tirar a capa. Henrique, que tem avançado
sem fazer ruido, aproxima-se d'ella; D. Mathilde admira-se.
Henrique tira-lhe a capa, e vai põ-la ao fundo; depois volta,

desater-me as fitas, do chapéu, receio de D. Mathilde. Henrique socega-o com o gesto, leva o chapéu com todas as precauções, e vai pô-lo sobre uma cadeira. Impreza crescente de D. Mathilde. Henrique, andando nos bicos dos pés, dirige-se para a cadeira à esquerda, avança um pouco, colloca um bangüinho, vai buscar D. Mathilde pela mão, conduz-a à cadeira, faz-a sentar, depois dirige-se para a cadeira à direita da meza, e prepara-se para se sentar. Aparte, procurando lembrar-se das indicações de Arthur / Vejamos... a tenaz, o parafuso, o jornal... / senta-se, e pega no jornal /

Inquieta / Vai ler? — Mathilde —

Vou.

Inquieta / Como ainda agora? — Mathilde —

Não, em voz mais baixa... Socegue... Mathilde, o que succedeu, ainda agora, não torria mais a succeder... Contrariar os seus hábitos; não os conhecia... Conheço-os agora, e não os tornarei a contrariar.

Conhece-os? — Mathilde —

— Henrique —
Conheço; informei-me, e d'hoje em diante relarei por
que na sua existencia se não mude nem a mais pe-
quena coisa.... leremos, bordaremos, tocaremos juntos...
Em primeiro lugar, vamos ler... em voz baixa Jorge
escutava Paulina....

— Mathilde —
O que diz?

Como?

— Henrique —

O que diz?

— Mathilde —

— Henrique —
Digo: em voz baixa "Jorge escutava Paulina com
uma colera...."

— Mathilde —
Leia mais alto.... não ouço....

— Henrique —
Se em vez de ler mais alto, eu me approximassem
um pouco mais....

— Mathilde —
Approximar-se?....

— Henrique —
Sim, bem vê.... estamos a uma legua um do outro...
Que Arthur se conserve a uma tal distancia.... é
muito justo.... porem eu, seu marido....

= Mathilde =
Pois, se quer, aproxime-se....

= Henrique =
É melhor. aproxima-se / Agora, ouve de certo... / em voz
ainda mais baixa / Jorge escutava Paulina....

= Mathilde =
Ainda não ouço nada.

= Henrique =
Não ouve? é porque ainda estamos muito longe um
do outro.

= Mathilde = de Lisboa
Ah!

= Henrique =
Eu não me posso aproximar mais... porém a vis-
condessa, parece-me....

= Mathilde = Cinema
Eu!...

= Henrique =
Não pode aproximar-se um pouco mais?

= Mathilde =
Posso, se é preciso... aproxima-se

= Henrique =
Obrigado, Mathilde, obrigado... aperta-lhe a mão

= Mathilde =
Mas... que faz?

= Henrique =
Agradeço. o mesmo / Arthur aperta-lh'a sem duvida

um pouco menos, e tem razão... porem eu sou marido.

Agora, creio, que hade ouvir. /vae para lêr/

Não, não leia. *lev. p. 2* — Mathilde —

Porque? *lev* — Henrique —

Peco-M'o... não tenho cabeça para... — Mathilde —

— Henrique —
Repare que é a viscondessa, que não quer que eu leia...

— Mathilde —
Não... n'este momento não podia interessar-me...

— Henrique —
Pelo senhor Jorge e pela menina Paulina... é enfado-
nho.... é!... Fazâmos outra coisa.... Vamos bordar?

/tira o bordado da algibeira/

— Mathilde —
Achou-o?

— Henrique —
Tanto procurei!... e ao entregar-M'o tenho desejos de
ajoelhar a seus pés!...

— Mathilde —
Ajoelhar a meus pés?

— Henrique —
Sim, Mathilde, e d'ahi me conservar até que diga,
que me perdoa.

= Mathilde =
O que tenho eu a perdoar-lhe?

= Henrique =
O não lhe ter dito na mais tempo, o que Arthur nunca
lhe disse, creio, mas que talvez viesse ainda a di-
zer-lhe.

= Mathilde =
O que?

= Henrique =
Que uma mulher não é feita para bordar a uma
certa hora, lêr romances a outra, tendo o jornal de
modas á esquerda e a tenaz do fogo á direita....
mas para ser muito amada.... e amar também
um pouquinho.... Se acaso isso não contraria
os seus hábitos.

= Cena 1ª =
= Os mesmos, Thereza, depois Arthur =

= Thereza = P. B.
Senhor visconde....

= Henrique =
O que é, Thereza?

= Thereza =
É o senhor Arthur.

= Henrique =

/aparte/ Arthur!

Porque não entra elle? = Mathilde =

Queria fallar ao senhor visconde. = Thérèse =

Pois dise-me, que entre. = Henrique =

/indo á porta/ Faz o obsequio de entrar. /avancando/
Não quer. = Thérèse =

/indo ao fundo/ Entra!... o que quer isto dizer? p. 3 = Henrique =

= Arthur =
/entrando, com um ar muito acanhado; Thérèse olha para
elle um instante, e sai/ Senhora viscondessa, peço des-
culpa.... é' já um pouco tarde... /bainho a Henrique/
Julguei que estavas no teu quarto.... Receio....

= Mathilde =
Deseja fallar ao visconde?

= Arthur =
Sim, minha senhora.

= Mathilde =
Ao visconde.... em particular?

= Arthur =
Se V. Ex.^a m'o permite....

= Mathilde =
De certo.... /sobe á esquerda/

9

É directa com Arthur / E então? Desce

Então, fui.... 3. = Arthur =

E a lição? = Henrique =

3. = Arthur =
Talvez me tivesse servido.... mas por mais que tocasse a campainha....

Não abriram? = Henrique =

Não. = Arthur =

Instituto Politécnico de Lisboa
= Henrique =
É que a pessoa, que ella esperava esta noite, não devia tocar a campainha.... devia abrir a porta....

Escola Superior de Cinema
= Arthur =
Com que?

= Henrique =
Com a chave. /mette-me a chave na mão/

= Arthur =
postrefacto / Oh!

= Mathilde =
O que é?

= Henrique =
Nada, Mathilde, nada! /aparte/ É mais um habito, que perco! /alto/ Adeus, primo, boas noites.

= Arthur =
Boas noites, primo; boas noites, senhora viscondessa.

Henrique

Boas noites. / acompanha-o até a porta, Arthur sai. Henrique
aproxima-se vergarosamente de D. Mathilde / Então, Mathilde,
que responde, ao que lhe disse? Consente que d'hoje em
diante passemos os serões sempre juntos?

Mathilde

torçando-o com ternura / Oh! Henrique! / Lança-se-lhe nos
braços /

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Fim

Escola Superior de Teatro e Cinema

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema